

“PASSATEMPO RELAXANTE, CAMINHO ESPIRITUAL OU ESPORTE RADICAL?” ALGUMAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO YOGA NO OCIDENTE

“RELAXING PASTIME, SPIRITUAL PATH OR EXTREME SPORT?” SOME DISCOURSIIVE REPRESENTATIONS ABOUT YOGA IN THE WEST

Maria Lúcia Abaurre Gnerre
Universidade Federal da Paraíba
Klara Maria Schenkel
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Desde sua chegada ao Ocidente em meados do século XX, a prática do Yoga tem atraído a atenção de vários segmentos da sociedade contemporânea. No entanto, os discursos produzidos no Ocidente acerca desta prática se distanciam consideravelmente de sua matriz milenar indiana. A partir da análise de textos verbais e visuais exemplares, veiculados na mídia impressa, procuramos, neste trabalho, compreender a gênese das representações discursivas ocidentais sobre o Yoga: quais são os indícios que nos permitem retrair a trajetória histórico-discursiva que tais representações seguiram, desde a tradição védica até chegar ao nosso cotidiano? Evidentemente não pretendemos esgotar as possibilidades de análise do tema no âmbito deste artigo, mas apontamos, sobretudo, uma proposta de abordagem do mesmo, através de alguns conceitos-chave da Análise do Discurso (vertente francesa), como “interdiscurso” (Pêcheux, 1975) e “simulacro” (Maingueneau, 1984).

Palavras-chave: Yoga, análise do discurso, História, simulacro, interdiscurso.

Abstract: Since your arrival to the West in the mid-twentieth century, the practice of Yoga has attracted attention from various segments of contemporary society. However, the discourses produced in the West about this practice is considerably distanced from the ancient India pattern. From the analysis of verbal and visual texts examples, conveyed by the print media, we seek in this work to understand the genesis of Western discursive representations about Yoga: what are the clues that allow us to retrace the path that these historical and discursive representations followed, from the Vedic tradition to reach into our daily lives? Of course we do not intend to exhaust the possibilities of analyzing the issue in this article, but noted, above all, a proposed approach of it, through some key concepts of discourse analysis (French school), such as “interdiscourse” (Pêcheux, 1975) and “simulacrum” (Maingueneau, 1984).

Keywords: Yoga, discourse analysis, History, simulacrum, interdiscourse.

Introdução

Na sociedade contemporânea ocidental, especificamente a brasileira, assistimos ao interesse crescente acerca de toda uma economia de práticas e cuidados com o corpo advindas do outro lado do mundo, sobretudo da Índia e da China: artes marciais, massagens terapêuticas, tratamentos médicos, orientações nutricionais, etc. A partir dos anos 60/70 até os dias atuais, em

alguns momentos com mais vigor, outros nem tanto, oscilando conforme um certo modismo hippie, esotérico, da “Nova Era”, estas práticas do Oriente¹ já percorreram uma trajetória de algumas

¹Tanto oriente quanto ocidente são conceitos criados a partir da Europa, em momentos históricos específicos e com finalidades específicas. A idéia de oriente relaciona-se ao “outro”, ao “diferente”, enquanto ocidente significa, neste contexto discursivo, aquilo que “nos é familiar”. Assim, ocidente e oriente não são de maneira alguma locais

décadas em direção aos nossos costumes. O interesse de nossa sociedade por tais práticas vem sempre revestido de fascínio, quer seja pelo caráter eminentemente exótico que o Oriente nos representa, quer seja pelo desejo de escapar ao modo de vida ocidental, considerado por nós altamente estressante, propenso ao adoecimento e ao desgaste do corpo.

É neste contexto que observamos a inserção do Yoga, mais especificamente do Hatha Yoga, no arsenal de opções para cuidarmos da saúde, em sentido amplo. Ao optarmos pela prática do Hatha Yoga² - diferentemente da ginástica aeróbica, da ginástica localizada ou de qualquer outra atividade física-, na verdade estamos buscando algo diferente de uma simples ginástica. Além do condicionamento físico em si, o quê exatamente esta prática pode nos oferecer em detrimento das demais? Redução do estresse, alívio de problemas hormonais (sobretudo na menopausa), cura de doenças respiratórias, cura de problemas de coluna e ainda, como uma espécie de bônus, o tão desejado emagrecimento são apenas alguns dos itens da longa lista de benefícios associados ao Yoga que vêm sendo divulgados pela mídia, pelo menos desde os anos 70.³No entanto, parecem existir componentes

geográficos previamente existentes, mas sim construções sociais e discursivas criadas para diferenciar e classificar culturas e civilizações. Desta forma, utilizamos este termo aqui justamente para designar este “construto social e discursivo” que se autodenomina “ocidente”. A este respeito, temos a célebre obra de Edward Said, *Orientalismo* (1996).

²O Hatha Yoga, ou “Yoga do Corpo” é uma modalidade dentre várias que constituem o Yoga. Doravante, não faremos mais a distinção entre Yoga e Hatha Yoga, pressupondo que os textos que analisaremos a seguir referem-se somente à prática corporal.

³Nos últimos anos temos alguns importantes exemplos deste processo de difusão do Yoga na mídia brasileira. Em agosto de 2003, a revista *Vida Simples* –na época uma edição especial de outra revista, a *Superinteressante* (ed. Abril) – publicou um número especial sobre o Yoga. Em 2006 a revista *Veja* dedicou uma matéria de capa ao assunto. Além desta, as revistas *Boa Forma* e outras publicações especializadas vêm constantemente publicando, de forma regular, matérias sobre a prática de Yoga. As primeiras referências sobre Yoga a serem publicadas na mídia brasileira são, no entanto, muito anteriores. Na famosa obra

ainda mais sedutores nas representações midiáticas do Yoga, como veremos a seguir.

A mágica do Yoga

A filosofia emagrecedora

Em uma edição de 2005 da Revista “Corpo a Corpo”, temos uma reportagem que exemplifica um tipo recorrente de discurso relacionado ao Yoga na mídia brasileira de grande circulação:

“Só com ioga:

Ter um corpo malhado sem exercícios aeróbicos ou musculação pesada. Parece milagre, mas não é. Saiba que você pode conquistar pernas definidas, barriga tanquinho, braços sarados só com ioga.”
(Revista *Corpo a Corpo*. Edição 199 - Julho/2005)

Aqui a prática do Yoga é apresentada como uma atividade que atinge os mesmos resultados dos exercícios aeróbicos e da musculação, porém com um adicional que agrega considerável valor à opção pelo Yoga e não por outra prática qualquer: pernas definidas, barriga tanquinho e braços sarados são *objetivos alcançados “milagrosamente”, sem o esforço físico “pesado”* que as outras atividades físicas demandariam. O Yoga, assim, parece adequar-se perfeitamente ao estilo de vida sedentário daqueles que são avessos a qualquer tipo de esforço físico.

Por outro lado, muito se tem falado sobre “o culto ao corpo” como um elemento central nas relações sociais contemporâneas. Existe um grande nicho de mercado orientado para os adeptos das academias de ginástica, que oferece ampla variedade de artigos a este tipo de consumidor, como roupas, acessórios, aparelhos, etc. No entanto, para se obter um “corpo sarado”, é preciso investir algo mais além de dinheiro. Como a natureza não dá saltos, não basta adquirir roupas e equipamentos adequados: é preciso treinar e, irremediavelmente, *gastar tempo* nessas

de José Hermógenes, *Yoga para Nervosos*, o autor cita uma série de fragmentos publicados em 1971 no jornal *O Globo*. Sobre o assunto. Hermógenes, J. 2003, pp. 21-22.

atividades. Se este não é o principal motivo, é ao menos a grande desculpa que nos afasta das academias de ginástica, a *falta de tempo*.

“Time is money”, “tempo é dinheiro”, lema da sociedade norte-americana, considerada a mais bem sucedida dentro do sistema capitalista, há muito orienta a dinâmica social vigente deste lado do mundo, da qual somos sectários. O tempo exigido dos indivíduos ocidentais para a obtenção do dinheiro através do trabalho (tempo institucionalmente contabilizado e socialmente valorizado), não é exigido dos mesmos no que se refere aos cuidados com o corpo. Para a obtenção de um bom emprego, via de regra, o *curriculum vitae* do cidadão deve documentar o tempo de sua experiência diretamente relacionada ao trabalho, e nunca o tempo (ou dinheiro) gasto nos cuidados com a manutenção de seu corpo-máquina. Aliás, pareceria bem inadequado imaginarmos uma situação em que, para a obtenção de um posto de trabalho (à exceção do professor de Educação Física), fossem analisadas quantas “horas-ginástica” o cidadão cumpriu durante a vida. Paradoxalmente, são exigidos exames médicos admissionais, uma vez que um corpo doente torna-se inapto ao trabalho. Subliminarmente, um corpo com um aspecto não-saudável, sobretudo um aspecto obeso, também pode atrapalhar a obtenção de trabalho e, conseqüentemente, de dinheiro e tudo o que ele representa, inclusive em termos afetivos e de aceitação social. Ora, numa sociedade em que não apenas a saúde, mas a aparência física saudável é altamente desejada (a despeito da valorização do tempo disponível para dedicar-se à obtenção da mesma), a conquista milagrosa do corpo perfeito, sem esforço, é muito atrativa. Analogamente a certos produtos e medicamentos emagrecedores, amplamente divulgados pelos serviços de telemarketing, - que vendem um corpo esbelto conquistado sem atividade física, de forma passiva - o Yoga se assemelha aqui a uma espécie de fórmula mágica, que dá ao seu consumidor o que ele precisa, sem esforço, “*só com ioga*”. Na mesma revista, lemos o depoimento de uma professora sobre a prática de uma modalidade de Hatha Yoga – a Swásthya Yoga:

Além de detonar as gordurinhas extras, a swásthya (Yoga) atua no controle do sistema nervoso - melhorando o estresse e a ansiedade por meio de posturas e respiração corretas - e ainda faz os adeptos dispensarem alimentos que não sejam proveitosos para o organismo, como carnes e frituras, por exemplo. Resultado: metabolismo funcionando bem, produção de hormônios em ordem e balança equilibrada. "Tenho alunas que emagreceram 3 kg em um mês só com essa ioga. A atividade induz naturalmente a um programa de reeducação alimentar por causa de sua filosofia e, por melhorar aspectos emocionais como tensão e preocupação, torna mais consciente a relação das pessoas com a comida", informa a professora Nina de Holanda. "Os efeitos de se sentir mais leve aparecem já na primeira aula. Porém, a melhora da flexibilidade, o tônus muscular e a diferença na fita métrica ocorrem após um mês", completa Nina. (Revista "Corpo a Corpo". Edição 199 - Julho/2005)

Além dos benefícios físicos, os resultados do Yoga, então, são expandidos para os planos do relaxamento do estresse e da diminuição da ansiedade. O Yoga aqui é apresentado com propósitos diretamente vinculados à melhoria das emoções e do funcionamento do corpo dos praticantes, esses dois aspectos são interligados para atingir um propósito final maior e mais desejado: *a redução das medidas na fita métrica* após um mês de prática. No entanto, a fórmula mágica do Yoga parece residir mesmo é em sua “*filosofia*”, a qual “*induz naturalmente*” a uma mudança integral de seu praticante, por tornar “*mais consciente a relação das pessoas com a comida*”. Ao simples contato com esta filosofia, o indivíduo passará a agir de modo diferente e conseguirá se auto-regular. O Yoga nos oferece, assim, uma *filosofia emagrecedora*, sem esforço físico, “*naturalmente*”... Quando tal filosofia nos é apresentada, através de uma espécie de catarse, conseguimos enfim obter a chave para o tão desejado corpo saudável, ou melhor, *corpo sarado*.

Um corpo ilimitado

Em certos casos, algumas representações do Yoga pela mídia extrapolam os limites do corpo saudável/sarado e adquirem conotações sexuais explícitas, já que as posturas podem favorecer poses como esta:



Figura 1: Imagem da revista Vanity Fair - Planet Yoga - ano 2007⁴

Na imagem acima, vemos a atriz norte-americana Christy Turlington praticando a postura *Dhanurasana* (ou “postura do arco”) com roupas íntimas e molhadas, numa praia aparentemente deserta. Esta mulher de expressão sedutora, em trajes transparentes, que abre suas pernas numa posição incomum sobre a areia da praia, olha diretamente para nós, como se nos convidasse a participar desta intimidade do corpo/natureza. Traz, desta forma, um claro apelo erótico associado ao “Planeta Yoga”. Para além do corpo saudável, esbelto e flexível, a prática do Yoga parece apontar possibilidades inusitadas para a prática sexual: um corpo sem limites, capaz de obter/proporcionar o êxtase sexual através de poses exóticas. Porém, apesar de complexa, a expressão corporal da atriz nos convence de que esta postura pode ser realizada “naturalmente”, sem esforço e com prazer. Neste sentido, a próxima figura também nos apresenta uma imagem de corpo ilimitado, mas de modo caricatural:

⁴ Disponível em: <http://issoeyoga.blogspot.com/2009/12/garota-da-camisa-molhada-e-yoga.html>. Último acesso em 12/03/2010.



Figura 2: cartum norte americano sobre yoga.⁵

No cartum norte americano (figura 2), disponível num site da internet, encontramos dois elementos importantes para compreender algumas das principais representações que acompanham esta trajetória do Yoga no Ocidente: primeiramente, temos o próprio desenho, onde uma mulher literalmente dá um nó em si mesma, mostrando o Yoga como uma espécie contorcionismo, que deixa sua praticante (ao contrário da atriz da figura 1) com uma expressão de pânico. E, em segundo lugar, temos uma pergunta no canto direito, que pode ser traduzida da seguinte forma: “Yoga: passatempo relaxante, caminho espiritual ou esporte radical?”.

A figura 2 nos revela resumidamente três interpretações recorrentes do Yoga aos olhos ocidentais: ora uma atividade de relaxamento do estresse, ora um caminho espiritual, e ora um esporte que exige muito de seu praticante. Afinal, qual destas seria a verdadeira identidade da Yoga? Todas elas? Nenhuma? Como desatar esse nó?

A novidade do cartum em relação às demais representações que levantamos até aqui está na

⁵ Cartum disponível em www.sangrea.net, também citado no blog <http://issoeyoga.blogspot.com>. Último acesso em 12/03/2010.

associação apresentada entre uma prática física e uma prática espiritual/espiritualizada. No entanto, esta associação nos parece demasiado frágil ao apresentar de forma dicotômica o caminho espiritual do caminho físico (ou esportivo), evidenciando uma concepção bastante ocidentalizada de corpo, como algo sempre separado das esferas espirituais. Desfazer esse nó conceitual é sem dúvida o grande desafio da maioria dos instrutores de Yoga da atualidade.

A questão que julgamos fundamental esboçar neste trabalho, contudo, *não* é necessariamente averiguar qual das interpretações elencadas pelo autor da figura 2 traduz “o verdadeiro significado do Yoga”; talvez nem haja uma única resposta que defina esta prática milenar indiana, dada a sua complexidade. O que nos instiga aqui é tentar compreender um pouco melhor a gênese dessas representações ocidentais, eminentemente discursivas⁶, do Yoga: como e quem as gerou? Gostaríamos de levantar alguns indícios de uma provável trajetória que tais representações discursivas seguiram até chegar ao nosso cotidiano. Nossa abordagem, portanto, se dará via alguns conceitos-chave da Análise do Discurso (vertente francesa), que nos parecem adequados à essa investigação, uma vez que pretendemos trazer à tona as condições históricas de produção do(s) discurso(s) acerca do Yoga que circula(m) em nossa sociedade. Para melhor compreensão de nossos instrumentos de análise, faremos a seguir uma breve consideração acerca da escola francesa de Análise do Discurso.

Trilhas de uma trajetória discursiva.

Breve histórico das três fases da AD

A Análise do Discurso (doravante AD), surgida nas Ciências Humanas na década de 60, constituiu-se basicamente a partir dos estudos de Saussure, Freud e Marx, isto é, partiu do pressuposto de que não há “transparência” quer

seja na linguagem, quer seja no sujeito ou na história. Henry (1997)⁷ nos mostra que Pêcheux, um dos fundadores desta nova disciplina, sob o pseudônimo de Thomas Herbert, esclarece em dois textos (um em 1966 e outro em 1968) as bases teóricas que apoiariam a chamada, inicialmente, Análise Automática do Discurso: a releitura do materialismo histórico de Marx feita por Althusser; a releitura de Freud feita por Lacan e, do estruturalismo, “*a atitude não reducionista no que se refere à linguagem*” (Henry, 1997, in Gadet & Hak, orgs., 1997, p 14).

Mussalim resume as etapas de análise da primeira fase da AD do seguinte modo:

Com relação aos procedimentos de análise da AD-1⁸, eles são realizados por etapas, apresentadas a seguir:

- a) primeiramente se seleciona um corpus fechado de seqüências discursivas (um manifesto político, por exemplo);
- b) em seguida faz-se a análise lingüística de cada seqüência, considerando as construções sintáticas (de que maneira são estabelecidas as relações entre os enunciados) e o léxico (levantamento de vocabulário);
- c) passa-se depois à análise discursiva, que consiste basicamente em construir sítios de identidades a partir da percepção da relação de sinonímia (substituição de uma palavra por outra no contexto) e de paráfrase (seqüências substituíveis entre si no contexto);
- d) por fim, procura-se mostrar que tais relações de sinonímia e paráfrase são decorrentes de uma mesma estrutura geradora do processo discursivo. (Mussalim, 2001, p 118).

Em seu conhecido artigo de 1975, o qual inauguraria uma segunda fase dos estudos em análise do discurso, Pêcheux & Fuchs apresentam seu quadro epistemológico:

Ele reside, a nosso ver, na articulação de três regiões do conhecimento científico:

⁷In GADET e HAK (orgs), 1997: 13-38.

⁸Além desta abreviação, dada por M Pêcheux, para designar a AD da primeira fase, há outra, também comumente utilizada pela literatura: AAD – análise automática do discurso.

⁶ Entendemos aqui não apenas os textos verbais, mas também as imagens como parte integrante de universos discursivos.

1. o materialismo histórico, como teoria das transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)". (Pêcheux & Fuchs, 1975, in Gadet & Hak, orgs., 1997, pp 163-4.).

É importante lembrarmos ainda que a noção de "formação discursiva" (doravante FD), dada por Foucault⁹, começaria a desmontar a "máquina discursiva" da primeira fase da AD – a qual pressupõe, de início, condições históricas de produção estáveis, geradoras de um processo discursivo fechado e idêntico a si mesmo –, mostrando sua instabilidade, ocasionada por condições de produção menos homogêneas. Na medida em que uma FD só se define em relação ao seu exterior, ou seja, em relação a outras FDs – anteriores e externas – o objeto da AD passaria a ser a observação das relações entre as diversas "máquinas". No entanto, como o processo discursivo (e a intervenção de outras FDs) nas duas primeiras fases da AD, continua sendo visto do interior de apenas uma determinada FD, mantém-se ainda a maquinaria fechada, bem como praticamente os mesmos procedimentos de análise. Somente em sua terceira fase, situada no início dos anos 80, conhecida como "o primado do interdiscurso", é que a "maquinaria discursiva" das duas primeiras fases da AD explodiria definitivamente. A partir deste momento, há também a necessidade de reformulação da noção de "sujeito do discurso", o qual passaria a ser visto

como um sujeito cindido, clivado pelo Outro, sobretudo heterogêneo.¹⁰

É, portanto, desta perspectiva, - a de que uma determinada FD não nasce sozinha, mas é historicamente forjada no interior de um conjunto de várias FDs postas em relação, ou seja, no interior de um interdiscurso, e de que os sujeitos enunciativos nunca se pronunciam a partir de um lugar único e estável, - que procuraremos compreender os vários dizeres acerca do Yoga no Ocidente.

Escavando as condições de produção do discurso sobre o Yoga

A partir da análise das figuras 1 e 2 (sessão 1.2), podemos dizer que há um processo de apagamento da matriz religiosa-hinduísta da prática do Yoga, para que ela se torne cada vez mais fácil de ser compreendida e assimilada pelos padrões de consumo contemporâneos. Enquanto observamos através das FDs destacadas nas figuras 1 e 2 a nítida separação entre a esfera do corpo e a esfera das espiritualidade, na cultura indiana, corpo e espírito haviam deixado de ser vistos como esferas dicotômicas desde a ascensão do tantrismo - momento em que a Hatha Yoga se desenvolve.

No caminho óctuplo do Yoga proposto nos *Yoga Sutras* de Patanjali,¹¹ um dos elementos centrais da ética yogue é justamente *Brahmacharya* – ou o controle dos impulsos sexuais - conceito que pode ser entendido também como boa conduta sexual. Contudo, está presente na figura 1 uma associação ocidental

¹⁰ Ver Authier-Revuz, 1990.

¹¹ O sábio Patanjali produziu uma compilação das técnicas de yoga existentes em seu famoso texto *Yoga Sutra* (produzido por volta do século II d.C.). Neste período clássico, à partir dos sutras de Patanjali, o yoga passa a ser reconhecido como sistema filosófico (Yoga-Dharshana – que significa "compreensão, ponto de vista, doutrina). Assim, Yoga é um dos seis sistemas de filosofia indianos ortodoxos, ou seja, aceitos pelo Brahmanismo, ao contrário do Jainismo e do Budismo. (Eliade, 2004)

⁹ Grosso modo, para contornar unidades tradicionais como "ideologia", "teoria", "ciência", Foucault define "formação discursiva" como um conjunto de enunciados relacionados a um mesmo sistema de regras historicamente construído. Ver Foucault, 2000.

contemporânea bem recorrente entre. Yoga, sexo tântrico e a obra *Kamasutram*,¹² - mais conhecida como Kama Sutra, antigo texto indiano sobre o comportamento humano amoroso e sexual, considerado por muitos estudiosos o trabalho definitivo sobre o amor na literatura sânscrita. No Ocidente, muitos não leram o Kama Sutra, mas certamente já ouviram falar sobre a existência da obra. Este “ouvir falar” quase sempre reduz o Kama Sutra a mais um manual de sexo exótico vendido em sex shop, e o “sexo tântrico” como algo que flutua em torno do mesmo campo semântico da “massagem tailandesa”.

Como se dá, então, este processo que permite que uma doutrina oriental milenar adquira nova(s) identidade(s) nas sociedades ocidentais? Devemos investigar, primeiramente, quais são os mecanismos responsáveis pelas transformações das representações do Yoga - que migram de uma FD, a qual traz em seu fechamento a idéia de transcendência do ego, para outra FD, que a traduz como prática de embelezamento do corpo físico, através das posturas difíceis; ou ainda, como prática que amplia os limites de utilização deste mesmo corpo (tanto em termos sexuais, como também no que se refere à manutenção do “corpo-máquina” da sociedade de consumo).

Segundo o historiador G. Feuerstein, as posturas do Yoga que tanto seduzem os ocidentais são apenas a ‘pele’ desta prática, seu elemento mais externo. Por trás delas se ocultam a ‘carne e o sangue’ do controle da respiração e das técnicas mentais mais difíceis de aprender, além de práticas morais, que exigem perseverança e correspondem ao ‘esqueleto’ do corpo. As práticas superiores de concentração (*Dharana*), meditação (*Dhiana*) e êxtase (*Samadhi*) seriam, por sua vez, análogas aos sistemas circulatório e nervoso. E, no coração do Yoga, segundo Feuerstein, “reside a realização da própria Realidade transcendente,

seja como for que a conceba.”(Feuerstein, 2005, p 19)

Esta transformação na maneira como se concebe o sentido de Yoga no Ocidente é decorrente do processo histórico de incorporação da prática aos valores ocidentais, e da maneira como os mestres indianos apresentam aspectos desta prática ao Ocidente. A transumância de uma matriz cultural-religiosa para uma nova cultura, onde passa a ser reinterpretada, adquirindo novos significados e identidades, se intensifica no início do século XX, quando temos um duplo movimento de aproximação: de um lado, importantes yogues indianos passam a visitar e se estabelecer nos Estados Unidos e Europa (muitos deles conhecedores da língua inglesa em virtude do período de dominação britânica que se encerra em 1947); e, de outro lado, muitos ocidentais viajam para a Índia e tomam suas iniciações nas sendas do conhecimento yogue.

Assim, as formas utilizadas pelos indianos para adaptar seus conhecimentos aos praticantes ocidentais, e as formas através das quais os ocidentais passam a traduzir este conhecimento para seu universo discursivo, colaboram diretamente para a transformação conceitual do Yoga. Este processo pode ser observado sobretudo nas diversas obras sobre Yoga publicadas por autores ocidentais ao longo do século XX.

Para analisarmos mais profundamente este processo de tradução, recorreremos ao conceito de *interdiscurso*. Dominique Maingueneau, em *Genèses du discours* (1984), propõe que o *interdiscurso precede o discurso*, e não o contrário. Partindo da hipótese de Foucault, segundo a qual o discurso “*é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência*” (Foucault, 2000, p135), Maingueneau afirma que o discurso não se define a partir de um conjunto fechado de enunciados, mas a partir de um *conjunto de restrições*: Neste sentido, uma das hipóteses de trabalho de Maingueneau, dentre as sete por ele levantadas para procedermos à análise dos enunciados, é a de que a interação semântica

¹²O texto foi escrito por Vatsyayana, como um breve resumo dos vários trabalhos anteriores que pertenciam a uma tradição conhecida genericamente como Kama Shatra (http://pt.wikipedia.org/wiki/Kama_Sutra em 03/08/2010)

entre os discursos é um processo de tradução e de “*interincompreensão regrada*”. Ou seja, cada discurso, ao introduzir o Outro em seu fechamento, acaba por traduzir os enunciados do Outro para as categorias do Mesmo. Deste modo, a relação de um dado discurso com esse Outro se faz sempre sob a forma do “*simulacro*” que o Mesmo constrói do Outro. Se a relação entre os discursos for polêmica (como, p. ex., o discurso dos evangélicos e o discurso dos católicos acerca do culto aos santos cristãos), não se deve considerar certos “mal-entendidos” somente enquanto contingências próprias da comunicação: o “sentido” também existe como “mal entendido”. Ao invés de pensarmos a relação polêmica como um encontro acidental de dois discursos, “nascidos” de modo independente, deveríamos analisá-la enquanto “*uma manifestação de uma incompatibilidade radical, a mesma que permitiu a constituição do discurso*” (Maingueneau, 1984, p 6).

Um exemplo de como os simulacros são produzidos no interior de um interdiscurso são observáveis nas publicações do advogado norte-americano Willian C. Atkinson, que nos primeiras décadas do século XX torna-se discípulo do famoso yogue indiano Baba Bharata, e passa a publicar livros nos Estados Unidos com o pseudônimo de yogue Ramacharaca¹³. Em suas obras, e nas obras de outros autores, tornam-se notórios os esforços contínuos de elaboração de novos enunciados para que uma prática oriunda de um universo religioso oriental pudesse ser recebida sem preconceitos dentro da matriz religiosa judaico-cristã predominante no Ocidente.

Não é de se admirar que o investigador ocidental tenha idéias algo confusas sobre os yogues, suas filosofias e suas práticas. Os viajantes têm escrito muitas narrativas fantásticas sobre os bandos de faquires mendicantes e charlatães que infestam os extensos caminhos e as ruas das cidades da Índia, arrogando-se imprudentemente o título de yogues.

¹³Suas obras *Ciência Hindu-Yogue da respiração e Hatha Yoga ou filosofia yogue do bem-estar físico* são consideradas pioneiras na apresentação do Hatha Yoga e das técnicas de respiração yogue para o público ocidental.

Por esse motivo é desculpável que o estudioso ocidental acredite ser o yogue típico um indivíduo extenuado, um fanático sujo ou um hindu ignorante, que se senta em uma postura fixa até a ossificação de seu corpo, que mantém os braços levantados até que se tornem rígidos, permanecendo nesta posição toda a vida, ou que fecha os punhos, mantendo-se nessa posição até que as unhas, crescendo, atravessem a palma da mão

Essa gente existe, é verdade: mas sua pretensão ao título yogue parece tão absurda ao verdadeiro yogue, como, ao presidente da universidade de Harvard ou Yale, a pretensão ao título de doutor por parte do pedicuro que se julgue um cirurgião iminente, ou ainda de professor, dado ao que venda pós contra a traça. (Ramachara, S/D, pp 11-12)

Aqui o autor explicita um estereótipo que vigorou durante o início do século XX no Ocidente, associando a prática de Yoga ao faquirismo, em que o ser humano vai até seus limites físicos e psicológicos. Tais práticas são totalmente desvinculadas do conceito ocidental de saúde, o qual valoriza o cuidado do corpo físico e o asseio, principalmente numa sociedade de cunho higienista¹⁴, como é a sociedade em questão. Assim, ao traduzir o Yoga (o “Outro”) para suas próprias categorias, a FD ocidental orientada pelo higienismo reduz o yogue à imagem do faquir sujo, mendicante, charlatão e ignorante. Ramachara tenta combater o discurso recorrente, ou ainda, o simulacro acerca do praticante de Yoga que vigorava no Ocidente no período em que ele escrevia seu texto (por volta de 1920), mostrando como estes enunciados não corresponderiam ao “verdadeiro conceito” de yogue em sua matriz milenar indiana: o de um homem com perfeita saúde e equilíbrio físico e

¹⁴ Segundo a definição de Maria L. Boarini “Pode-se dizer que o higienismo, como uma forma de pensar, é um desdobramento da “medicina social”. A urbanização sem planejamento (...) traz como consequência problemas de toda ordem, entre os quais destacam-se os de natureza médica: as condições sanitárias ameaçadoras e os surtos epidêmicos. Morria-se de uma ampla variedade de doenças, como varíola, febre amarela, malária, tifo, tuberculose, lepra, disseminadas mais facilmente pela concentração urbana.” (Boarini, 2004). Destas mortes associadas às cidades insalubres, surge o projeto da cidade higienista, com avenidas largas e projetadas.

mental. Este “novo discurso” sobre o Yoga como prática de saúde, que estava sendo introduzido principalmente por autores ocidentais que viajavam para a Índia, nos é apresentado em passagens como esta:

Muitas escolas de filosofia oriental tem sido fundadas sobre a ciência da respiração e as raças ocidentais, uma vez que adquiram o seu conhecimento, obterão, em vista do seu senso prático, grandes resultados.

A teoria do Leste, unida à prática do Oeste, dará excelente fruto e de maior transcendência. Esta obra trata da ciência yogue da respiração, inclui tudo o quanto é conhecido pelo fisiólogo e higienista ocidental, além do aspecto ocultista que encerra o assunto. Não só assinala o caminho a seguir para a saúde física, de acordo com o que se denomina “respiração profunda” pelos cientistas ocidentais, como também penetra nos aspectos menos conhecidos da questão, mostrando como o yogue educa o seu corpo, aumenta sua capacidade mental e desenvolve a parte espiritual de sua natureza, por meio da ciência da respiração. (Ramachara, S/D, p. 19)

O primeiro passo para destituir o simulacro do praticante de Yoga, ou seja, sua identificação com corpos magros e doentios dos fanáticos religiosos – permitindo assim que a prática fosse aceita no Ocidente - teria sido uma nova associação discursiva entre o Yoga e a saúde do corpo. A partir de uma perspectiva higienista e pragmática, o autor nos propõe, - ao falar dos benefícios que “as raças ocidentais” poderiam adquirir através das práticas respiratórias, - a obtenção de “grandes resultados”, porque os ocidentais poderiam ainda aliar seu “senso prático” ao conhecimento milenar indiano. Ou seja, seria possível aplicar o conhecimento do Yoga de forma objetiva para a obtenção de resultados. Ora, tais enunciados introduzem o Yoga também como uma “ciência”, que disporia de resultados positivos, comprováveis, bem ao gosto pragmático ocidental. Afinal, enquanto a prática estivesse vinculada apenas à religião, a imagem do faquir continuaria sendo sua representação por excelência. E para dominar esta “ciência yogue”, caberia ao praticante realizar

uma série de experimentos através de exercícios com seu próprio:

O yogue realiza uma série de exercícios, por meio dos quais obtém o domínio de seu corpo e a habilita-se a enviar a qualquer órgão ou membro uma corrente maior de força vital ou Prana, fortalecendo e vigorizando, por esta forma, o membro ou órgão necessitado, conforme o seu desejo. (Ramachara, S/D, p. 20)

O controle do *prana*, ou das correntes vitais do corpo é conhecido no caminho da Hatha Yoga como *pranaiama*, técnica que se baseia em exercícios respiratórios como chave para este controle dos fluxos vitais. Assim, a técnica milenar do *pranaiama* – ou os exercícios respiratórios do Hatha Yoga - é introduzida por Ramachara através de enunciados que ressaltam seus benefícios para a saúde, e a possibilidade de curar ou energizar conscientemente partes do corpo que necessitam deste fluxo vital. O Yoga poderia restituir aos homens ocidentais os pulmões fortes para “defenderem sua saúde” em meio às cidades grandes e poluídas do início do século XX (RAMACHARA, S/D, p. 28). Independentemente da existência comprovada de tais benefícios, trata-se sobretudo de um discurso pragmático, e que, embora esteja trazendo temas e definições importantes acerca do Yoga, não explicita o propósito original do *pranaiama* conforme ele nos é apresentado nos antigos textos hindus, como o Hatha Yoga Pradipiká:

Enquanto a respiração estiver irregular, a mente também estará instável, mas quando se aquieta a respiração, a mente também o fará e o yoguein viverá longo tempo; deverá então controlar sua respiração. (HathaPradipika, *apud* Souto, 2009)

Assim, o propósito original da prática do *pranaiama* é a estabilização da mente, para que o praticante atinja estados meditativos mais elevados. Não há propriamente uma contradição entre o propósito espiritual e o discurso “científico” da saúde dos pulmões. No entanto, o “aquietamento da mente” não é apresentado como objetivo central da prática nos textos do yogue norte-americano Ramachara. Percebemos o surgimento de um simulacro de natureza diversa

daquele que associava a prática do Yoga a “faquires” e “charlatães”: em seu processo de tradução dos enunciados da tradição yogue, ao invés de reduzir o Yoga a seus aspectos negativos, Ramachara ressalta apenas os aspectos “palatáveis” ao gosto ocidental. Desta forma, o autor traça um caminho inverso ao discurso do senso comum ocidental, e procede a uma espécie de *marketing* do Yoga. Este “novo discurso”, que atesta a “cientificidade” do Yoga, permitirá que outros segmentos da nossa sociedade (médicos, fisioterapeutas, psicólogos, professores de educação física, terapeutas holísticos, sexólogos, etc) passem a se interessar pelos “benefícios do Yoga”, e a aumentar as tramas de FDs que tecem este interdiscurso.

Conclusão

Sem dúvida, um fato histórico de grande relevância para a divulgação do Yoga no Ocidente durante o início do século XX foi a dominação britânica da Índia, entre 1849 a 1947. A partir deste período, os estudos ocidentais sobre a história e a filosofia hindus se intensificaram. A criação de universidades de modelo britânico em território indiano possibilitou a migração de pesquisadores britânicos – especialmente ligados às áreas de Arqueologia, Antropologia e História – para a Índia, a partir da metade do século XIX. E, à medida que os colonizadores começaram a fazer concessões aos colonizados, permitindo que indianos de castas superiores acessassem as cadeiras destas universidades, houve a formação acadêmica de estudantes indianos (Pannikar, 1979). Tais estudantes, em alguns casos, como Paramahansa Yogananda, dispunham também de formação em técnicas do Yoga e puderam, a partir de então, somá-las a uma FD oriunda da academia. Além disso, passa a haver a possibilidade de indianos estudarem nas tradicionais instituições britânicas na Inglaterra – o que ajuda a formar grandes mestres yogues ilustrados. Embora, em muitos casos, a produção textual destes mestres ressalte o caráter espiritual profundo do Yoga, sua recepção no Ocidente só seria possível neste contexto, em que o Yoga, uma vez incorporado ao discurso médico-científico,

deixa de ser apenas uma prática de “faquires”, “charlatães” ou “hindus ignorantes”.

No entanto, apesar do esforço de apagamento de sua matriz religiosa, a atração que a prática do Yoga exerce hoje sobre o senso comum ocidental é revestida por certo gosto pelos “mistérios” do Oriente, forjado ainda nas representações imaginárias de um mundo exótico, repleto de segredos e fórmulas encantatórias. Some-se a isto o próprio discurso místico-esotérico em voga no Ocidente desde os anos 60, acerca da chegada da “Era de Aquário”; a alta valorização dos corpos magros e saudáveis (ou, ao menos, com aspecto saudável) e, conseqüentemente, a busca por uma solução mágica para a saúde do corpo (e, por extensão, da sexualidade). Portanto, o solo ocidental torna-se, no momento atual, bastante fecundo para que novos enunciados acerca do Yoga sejam incorporados, traduzidos e ressignificados à luz de uma cientificidade que, grosso modo, tenta agora fazer as pazes com a espiritualidade.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)”. In: Orlandi, E. P. e Geraldí, J. W. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, UNICAMP – IEL, nº 19, jul./dez. 1990. pp 25-42.
- BOARIN, M L & YAMAMOTO, O H. *Higienismo e eugenia: discursos que não envelhecem*. Psicologia Revista, São Paulo/SP, v. 13, n. 1, p. 59-72, 2004.
- ELIADE, Mircea. *Yoga: imortalidade e liberdade*. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- FEUERSTEIN, G. *Uma visão profunda do Yoga Teoria e Prática*. São Paulo, Pensamento, 2005.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Trad. L. F. Baeta Neves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (título original: *L'Archéologie du Savoir*, 1969).
- GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997.

HENRY, P. “Os fundamentos teóricos da ‘Análise Automática do Discurso’ de Michel Pêcheux (1969)”, in Gadet & Hak, (orgs.), op. cit., 1997, pp 13-38.

HERMÓGENES, J. *Autoperfeição com Hatha-yoga*. 46ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.

MAINGUENEAU, D. *Genèses du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga Editeur, 1984.(trad. S. Possenti, mimeo)

MUSSALIN, F. "Análise do Discurso". In: Mussalim, F. & Bentes, A. C. (orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. v.II*. São Paulo: Cortez, 2001. pp 101-142.

GULMINI, L. *O Yoga Sutas de Patanjali: tradução e análise da obra a luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e lingüísticos*. Dissertação de Mestrado: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 2002.

PANIKKAR, K. M. *A Dominação Ocidental na Ásia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979

PÊCHEUX & FUCHS, “A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas (1975)”, in Gadet, F. & Hak, T.(orgs.), op. cit., 1997:163-252.

RMACHARA, Y. *Ciência Hindu-Yogue da respiração*. São Paulo: Ed. Pensamento, S/D.

SAID, Edward. *Orientalismo - o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. Coleção Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUTO, A. *A essência do Hatha Yoga: Hatha Pradipika, GherandaSamhita, Goraska Shataka*. São Paulo: Phorte, 2009.

Sobre as autoras

Prof^a. Dr^a Maria Lúcia Abaurre Gnerre: Doutora em História (Unicamp), Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Instutora de Hatha Yoga (AYPB e ANYI) luciaabaurre@terra.com.br

Prof^a. Ms. Klara Maria Schenkel: mestre em Análise do Discurso, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Aluna do programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) klaramarias@gmail.com